

TRAVESTIS

TRAVESTIS: DUAS OU TRÊS REFLEXÕES A RESPEITO

Inajá

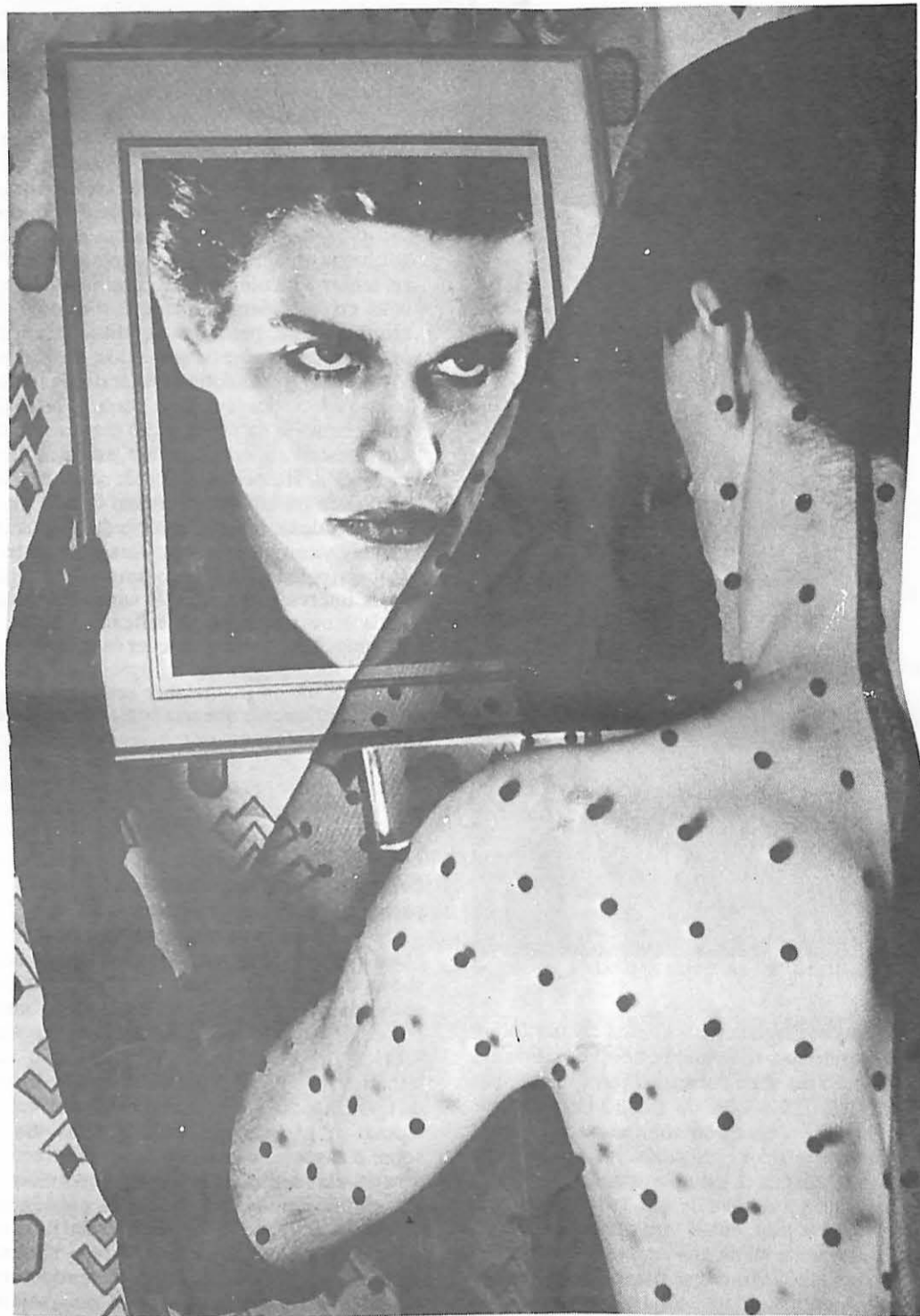


Foto: Patrick Sarfati

Quando o Sylvio de Oliveira me propôs escrever um artigo sobre travestis para o NÓS POR EXEMPLO, aceitei o desafio mas fui logo dominado por uma grande interrogação: o que dizer sobre uma realidade em que mergulhei de cabeça nos anos 70, a ponto de quase chegar a tomar hormônio femininos, mas uma realidade que hoje ocupa pouco tempo e espaço em meu cotidiano de professor de idiomas? Não me sinto atualizado nem com autoridade para informar sobre esse universo.

Aceitei no entanto o desafio porque, ao fazer essa opção e tentar a transformação de meu corpo e de minha vida, pude ver, sentire e vivenciar o suficiente para aprender duas ou três coisas sobre essa forma de vida e poder fazer certas indagações que permanecem válidas e que eu decidi compartilhar com os leitores deste jornal. Quero deixar bem claro, contudo, que, ao falar de travestis, refiro-me às pessoas que são travestis no dia-a-dia, homens que tentam viver como mulheres; não estou

falando de travestis-artistas, de transformistas, de travestis de carnaval nem de caricatas.

Das coisas que aprendi e ainda me levam a interrogações, uma me vem logo à mente: o preconceito e a discriminação contra os travestis são tão fortes, que na verdade eles não são aceitos sequer pela maioria dos homossexuais e das pessoas que se consideram liberais, tampouco por intelectuais e cientistas que poderiam, quando nada, ver nesse estilo de vida um estranho mas curioso e rico laboratório sobre o comportamento humano.

Os próprios travestis são os grandes culpados por essa discriminação, dizem muitos. E acrescentam: porque em geral são prostitutas e/ou marginais, não podem ser confiáveis, apoiados. Será assim, realmente? - pergunto. Quantos seres humanos podem fazer uma opção tão radicalmente diferente sem ser quase sistematicamente censurados e marginalizados? Quantos travestis poderão ter condições reais e imediatas de integrar-se na sociedade para viver com um mínimo de dignidade?

Que mudem de vida, que entrem em outra - dirão alguns. Que tomem vergonha, deixem de querer viver como mulheres pois não são - dirão tantos outros. Pergunto eu, então: onde fica nisso tudo a delicada questão da identidade psicológica, emocional, onde fica o propalado direito dos indivíduos para fazer suas escolhas e suas buscas pessoais?

Mas, alguém perguntará: ser travesti será mesmo uma identidade, uma orientação sexual? Quem terá respostas definitivas, porém, quando na verdade os homens e as mulheres heterossexuais, considerados modelos oficiais de normalidade sexual, buscam até hoje, às vésperas do ano 2000, respostas definitivas para o que é ser

homem, o que é ser mulher, e ainda se perguntam como ser homem, como ser mulher? Teremos então o direito de cobrar dos travestis definições seguras sobre o que é ser travesti?

Na realidade, ainda é praticamente impossível que um ser humano, um homem (??) que faça essa opção tenha o direito e condições de situar-se tranquilamente em sua nova existência para poder estabelecer e desenvolver um caráter, uma identidade própria. Até mesmo no que diz respeito às tais classificações sexuais. Como classificar sexualmente, por exemplo, tantos travestis que, na transformação, exacerbam as formas femininas e tentam desenvolver um pênis imenso para "fazer a vida" e com frequência são capazes de tudo no ato sexual com homens, mulheres e até outros travestis? Como classificar psicologicamente um homem (??) que extirpa o pênis em dolorosas cirurgias mas volta imediatamente a integrar-se no mundo, na vida, dos travestis?

Como poderá alguém desenvolver valores e uma identidade definida num universo tão complexo? Como aceitar esse universo, oferecer solidariedade uns aos outros? Partilho aqui essas reflexões e indagações porque quero crer que todas as pessoas que podem ser vítimas de preconceito e discriminação, sabem muito bem o quanto é bom ter-se respeito e tolerância. A tolerância nos ajuda a ter um novo olhar para enxergar a realidade à nossa volta, e muitas manifestações dessa realidade começam então a deixar de ser para nós como um filme em linguagem estranha e sem legendas.

Inajá é professor de inglês e francês e membro do Triângulo Rosa

DANCE DANCE DANCE DANCE DANCE DANCE DANCE DANCE DANCE

BASEMENT

A mais alegre pista de dança da cidade de 4ª a domingo, a partir das 23 horas E mais! Sábados, misto quente às 21 horas

Show de modelos masculinos Os mais belos do Rio

**Av. Copacabana 1241 - Galeria Alaska
Tel: 287 5409**

DANCE DANCE DANCE DANCE DANCE DANCE DANCE DANCE DANCE

DANCE DANCE DANCE DANCE DANCE DANCE DANCE DANCE DANCE

DANCE DANCE DANCE DANCE DANCE DANCE DANCE DANCE DANCE

ENTRE NÓS

ERIK BARRETO, um Pequeno Notável



Erik, ex-gerente de banco...

NPE - Erik, por que transformismo?

ERIK - As coisas foram acontecendo. Eu fazia teatro, teatro infantil e de uma hora para a outra eu caí no transformismo. Caí no transformismo para permanecer no palco. Era muito difícil desempenhar a carreira de ator, eu também era muito jovem. Hoje em dia eu não faço apenas para continuar no palco. Eu acredito no meu trabalho. É uma forma de veicular emoção. Outra coisa que eu acho muito importante, é essa capacidade que temos de reviver grandes mitos. Todos nós temos nossos ídolos. Nós nos apaixonamos pela arte de alguém, por exemplo, Elis Regina. Compramos o disco, levamos Elis para dentro de nossas casa. Um dia Elis morre. Como você vai ver Elis de novo no palco? Através do nosso trabalho. É um trabalho difícil, um trabalho auto-didata, não existe escola para o trabalho que a gente faz. É um trabalho altamente discriminado, desacreditado, é chamado de arte menor, mas que tem essa força muito grande.

NPE - Como é a barra do preconceito?

ERIK - Hoje em dia a mídia está dando uma abertura muito positiva para o que a gente faz. Está na moda, o transformismo. Mas ainda assim, há o preconceito, inclusive entre os homossexuais, entre os gays. Eu tenho doze anos de carreira. Abandonei, há um ano e meio, o cargo de gerente de banco apenas para me dedicar ao transformismo. e há doze anos

Meu trabalho é uma forma de veicular emoção

atrás, se eu tivesse a audácia de me revelar transformista, provavelmente seria riscado da agenda de muita gente. Ninguém nem queria fazer caso com um transformista. Os gays são altamente complicados, é uma classe bastante dividida.

NPE - Você acha que os shows de transformismo e outros shows gays que existem por aí podem contribuir para uma maior conscientização da comunidade gay?

ERIK - Acho que podem colaborar para acabar com a vergonha, diminuir certos preconceitos, desde que sejam trabalhos sérios. Eu acho lindo o corpo do homem, o corpo da mulher. Mas de nada adianta fazer-se um espetáculo para se mostrarem apenas os corpos bonitos. Tem que haver alguma arte envolvida nisso.

NPE - Por que Carmem Miranda?

ERIK - Não sei, eu sou um artista, e aí a gente faz de tudo. Eu tenho 30 anos. A Carmem morreu em 1955. Ela foi de outra geração. Para mim, Carmem Miranda era apenas aquela figura que mexia muito com as mãos, tocando o dedo no cotovelo, piscando o olho e entortando a boca. Mas então houve toda uma pesquisa para conhecer melhor esta mulher maravilhosa e aí descobri que poderia tirar um partido maior dela, através da produção. A fisionomia também ajudou muito.

NPE - Nós percebemos uma mudança radical da sua imagem enquanto Carmem Miranda para uma outra mulher que você interpreta em seu show. É difícil a transformação?

ERIK - Tudo é uma questão de estudo. Se você está fazendo um homem, sua fisionomia deverá estar mais rígida. Da

mesma forma, para cada personagem feminino, você deve variar as expressões, os gestos, a forma.

NPE - Sabemos das diferenças entre travestis e transformistas. Porém, a maioria dos transformistas escolhe um nome artístico feminino. Por que você manteve Erik Barreto?

ERIK - Eu nunca quis ter outro nome, mas no início da carreira, a "turma" fazia pressão para que eu me decidisse por um nome de mulher. Então eu escolhi Gigi Margot, que era um nome bem escroto e eu sabia que não iria pegar. Mas, ainda assim, a classe não aceitava. Eacabei sendo chamada de Diana Finsk. Depois que fui fazer televisão e dando continuidade com meu trabalho de confrontar o masculino e o feminino no palco, o pessoal na própria TV preferia me chamar de Erik. Realmente é um nome bastante forte. Aí emplacou.

NPE - Você vive exclusivamente do seu trabalho como transformista?

ERIK - Sim. Eu trabalhei, como já disse, em um banco. Trabalhei durante sete anos. No último ano eu já era gerente. Fui fazer TV, aquele quadro no Silvio Santos, de transformistas, ainda trabalhando no banco. Todos sabiam no meu trabalho. E eles não podiam fazer nada, não podiam se opor. No banco eu chegava com a minha gravata, minha agenda e dava conta do recado. Ali dentro eu não dava pinta, não cabia. Mas eles sempre me respeitaram. Eu deixei o banco depois desses sete anos de trabalho pedindo minha demissão, pelo assédio que eu estava sofrendo de agentes artísticos e empresários, com contratos tentadores.

NPE - Você tem trabalhado só no Rio?

ERIK - Não, eu até já saí um pouco do eixo Rio- São Paulo, onde a classe, por vezes, é até um pouco desmoralizada. Eu tenho feito diversos espetáculos em cidades do interior, que nem estão no mapa, onde você é bem remunerado, é visto como artista.

NPE - Quais os próximos passos na sua carreira? Algum espetáculo previsto?

ERIK - Devo estrear em março, estou aguardando resposta do teatro, com o espetáculo UMA CERTA PEQUENA, que é a história de um rapaz que começa a misturar sua identidade com a de um mito: Carmem Miranda. É um musical bem

flexível, a ponto de poder apresentá-lo em teatro, coma composição de textos ou em boites e casas de espetáculos apenas como show.

NPE - Você acha possível o movimento homossexual no Brasil?

ERIK - Acho, como não? Estão começando a chegar aqui mais frequentemente as informações sobre o Gay Pride, nos Estados Unidos. Eu tive a oportunidade de presenciar a parada que é um escândalo, milhares de gays desfilando pela Quinta Avenida e foi inacreditável. Havia alas de parentes de gays, outra formada por policiais gays fardados, uma festa. Uma escola de samba sem oluxo, mas de uma grandiosidade fantástica. Estou muito animado com a perspectiva da passeata aqui, dia 24. As pessoas ainda não estão acreditando que ela vai acontecer, mas estarei lá. Estou divulgando bastante.

NPE - O que você acha dos trabalhos de prevenção à AIDS no Brasil?

ERIK - Acho uma chacota. Tudo muito superficial. Ainda tem muito gay que não usa camisinha. Nossos amigos estão morrendo e as pessoas não acreditam que a AIDS possa ocorrer a alguma delas.

NPE - Você participaria com sua arte de alguma campanha de prevenção?

ERIK - Eu já participei de campanhas para uma instituição que prefiro não citar. Não foi uma experiência boa. Vi muito interesse e muita falha, na época. Mas se for uma instituição séria, não penso duas vezes.



...incorporando a Pequena Notável

XANADU

Rapazes de alto nível

Tel: 2952804

Algo especial para você. O seu charme e a nossa sensualidade; sua fantasia é a nossa realidade; nossa segurança é a sua tranquilidade

MICHELANGELO SIGNORILE, líder de movimento gay em New York

Michelangelo Signorile, 30 anos, colou na porta de seu apartamento no Lower East Side de Manhattan um adesivo da polícia alertando que as agressões aos homossexuais são punidas por lei. É como uma isca, uma provocação. Faz parte da tática "queer" de uma imposição mais radical e agressiva da condição homossexual ao resto da sociedade.

Signorile foi um dos fundadores do movimento Queer Nation e editor da revista *Outweek*, que lançou a campanha do "outing" (revelação pública de personalidades homossexuais enrustidas). Hoje, ele tem uma coluna na revista *Advocate* e prepara um livro sobre o movimento homossexual nos EUA - "Queer in America".

- Você acha que a homofobia aumentou nos EUA?

- Para toda ação há uma reação equivalente. A partir do momento em que os gays se tornam mais visíveis, as pessoas que os detestam ficam mais ameaçadas e amedrontadas.

- Qual é a novidade do Queer Nation?

Eles querem mais visibilidade. Antes da AIDS, o movimento gay só queria ser deixado em paz. Estava procurando a liberação sexual. A AIDS fez com que entendêssemos o quanto somos odiados. Agora, a militância não se contenta mais em lutar pelo direito à privacidade. É preciso se tornar público. O novo movimento quer mudar tudo: Hollywood, a lei, a igreja. Eles querem que todas as formas de homofobia sejam combatidas. Tradicionalmente, o movimento gay estava procurando a assimilação. O movimento "queer" está dizendo que não somos iguais aos outros e que queremos ser aceitos como diferentes.

- Qual o objetivo do "outing"?

- Anteriormente, ninguém ousaria entrar na privacidade do outro. Com a emergência da AIDS, as pessoas acordaram e se deram conta de que não se pode respeitar sempre a privacidade dos outros. Às vezes, as pessoas que estão lhe atacando são gays enrustidos. Essa hipocrisia deve ser exposta. Por que é

A AIDS fez com que entendêssemos o quanto somos odiados

mau dizer que alguém é gay?

- Como você explica a necessidade, específica do movimento gay americano, de uma integração às instituições mais retrógradas?

- Talvez seja porque o movimento aqui esteja muito avançado. Há 20 anos, os militantes gays eram geralmente de esquerda e nunca pensariam em lutar pelo lugar dos homossexuais no Exército. Agora, com o avanço do movimento, você tem gente de todo tipo assumindo que é gay. Alguns de direita, muito conservadores. Ao mesmo tempo, todas essas reivindicações são políticas. Eu, pessoalmente, não acredito no Exército, mas sei que historicamente ele é o último bastião de homofobia institucionalizada. Uma vez quebrado isso, seremos melhor aceitos.

- Não existe uma confusão entre representação e realidade por parte do movimento homossexual quando ataca filmes de Hollywood, como "Instinto Selvagem"? Por que eu não posso representar um personagem homossexual como quiser?

- Os homossexuais são representados equivocadamente ou estão invisíveis na maioria dos filmes. Quando aparece um filme que distorce os homossexuais e os representa como assassinos, é importante denunciar isso. Não para dizer que não se deve fazer filmes como esse mas que se deve fazer outros filmes também em que os homossexuais sejam representados positivamente. Você não deve supervalorizar a percepção do público americano médio. Eles acreditam no que estão vendo na tela.

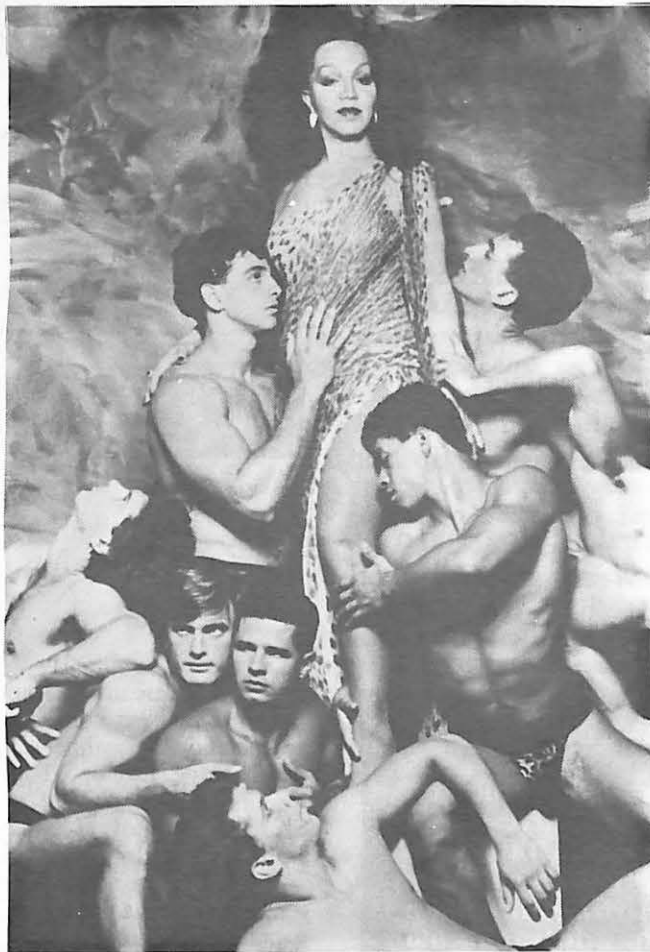
Entrevista à Folha de São Paulo - Colaboração de Alex Matos, Macapá, AP

ELOÍNA, a Dama dos Leopardos

Entrando no quinto ano de carreira, A NOITE DOS LEOPARDOS vem recebendo cerca de 700 pessoas a cada apresentação no Teatro Alaska em Copacabana. Este sucesso deve-se basicamente a Eloína, ex-figurinista da Escola de Samba Beija-Flor e um dos mais famosos e performáticos travestis de nossa cidade.

Após terem passado pelo elenco de A NOITE DOS LEOPARDOS mais de 300 rapazes e apresentações em outros estados e países, o espetáculo inicia temporada este ano com alguns quadros novos e muita sensualidade. De novidade, no final do show, você pode até mesmo dar um banho de chuveiro no palco no Leopardo preferido.

Conversamos rapidamente com Eloína, principalmente sobre os rumos da famosa Galeria Alaska e quanto à curta passagem de Guilherme de Pádua pelo elenco do espetáculo que gerou, mais uma vez, na grande imprensa, as insinuações de associação entre homossexualidade e marginalidade. Além disso, ousando mais uma vez, Eloína prepara outro espetáculo, chamado TRAVESTI OU TRANSFORMISTA, onde colocará no palco alguns dos mais famosos travestis cariocas como vieram ao mundo.



NPE - Eloína, qual será o esquema do show que você está preparando - TRAVESTI OU TRANSFORMISTA?

ELOÍNA - Da mesma forma que eu lancei os homens, eu quero lançar os travestis nus no palco. Vou colocá-los lindíssimas, de salto alto, muito brilho, mas de piroca dura.

NPE - Ainda há pouco você disse que o movimento para fechar a Galeria Alaska com grades teria começado no Teatro. Como foi que ocorreu a idéia?

ELOÍNA - O pessoal do teatro achava que a Galeria precisava de uma lapidação, uma limpeza. Colocaram, além das grades, piso novo, iluminação nova etc.

Você pode ser homossexual e ser uma pessoa íntegra ou ser um assassino e não ser homossexual

NPE - E você acha que foi uma boa iniciativa?

ELOÍNA - Acho, sim. A Galeria andava muito encardida, muito barra pesada.

NPE - Qual é a sua opinião sobre as insinuações que a grande imprensa vem fazendo, sobre a sexualidade de Guilherme de Pádua, e tentando associar homossexualidade e criminalidade?

ELOÍNA - Não tem nada a ver. A sexualidade das pessoas não tem nada a ver com outros atos praticados. Você pode ser homossexual e ser uma pessoa íntegra e você pode ser um assassino e não ser um homossexual. A imprensa gosta de misturar as coisas e embolar o meio de campo. Se o Guilherme de Pádua é homossexual, é um problema particular dele. Agora, se ele é um assassino, ele deve pagar pelo que ele fez. Eu acabei de dar uma outra entrevista, onde me perguntaram se alguma vez eu vi o Guilherme saindo com alguém. Nunca vi. Ele trabalhou pouquíssimo tempo aqui, menos de 20 dias, e nesse tempo eu não tenho o que falar dele.

NPE - Equanto à ironia que marcou a tragédia: Provavelmente, Glória Pérez inspirou-se em A NOITE DOS LEOPARDOS para criar seu Clube de Mulheres.

ELOÍNA - Certamente. A Glória Pérez veio assistir ao espetáculo e baseou-se certamente em tudo que foi veiculado pela imprensa sobre a NOITE. Realmente, foi muita ironia.

NPE - Quais os horários do espetáculo?

ELOÍNA - Às 5ªs e domingos, 21:30. Sextas e sábados à meia-noite, aqui no Teatro Alaska

NPE - Algum recado especial?

ELOÍNA - Quero agradecer ao NÓS POR EXEMPLO, que vende horrores, sempre vende na praia, aqui na Galeria e quero pedir pela nossa união. Não importa que eu seja travesti, que viva do meu trabalho, é uma opção minha. Mas precisamos nos unir. Travesti, transformista, gays, somos todos iguais. E dia 24 estarei na passeata.

ÁLIBI CLUB * DANCING BAR

De 3ª a domingo damos um álibi para você sair de sua casa, a partir das 22:00 h.

Av. Bartolomeu Mitre 450

Tel: 259 4043 * Leblon